

# DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E A ESTRUTURA DA EMPRESA

(I)

Evaristo de Moraes Filho

1. O fato social empresa é um só, em sua inteireza objetiva e exterior, mas pode ser surpreendido através de vários pontos-de-vista, segundo a especialidade de quem o observa. A mesma coisa acontece, de resto, com qualquer fenômeno social. Todos são produtos da mesma convivência humana e se encontram mergulhados no mesmo mundo coletivo, mas como não podem ser estudados ao mesmo tempo, de um só golpe, por todos os seus ângulos, sujeitam-se a esta fragmentação científica de pesquisa e sistematização. Mas a realidade concreta permanece a mesma, apesar de isolados somente alguns dos seus aspectos de maior significação para as diferentes ciências sociais. Por isso mesmo, por mais desigual que se mostre a empresa aos diversos observadores, que dela só retiraram aquilo que lhes interessa imediatamente, haverá sempre um núcleo último e irreduzível para todos eles, caracterizado pelo seu próprio substrato: a organização coletiva.

Como numa visão de caleidoscópio, mostra-se a empresa diferentemente à sociologia, à história, ao direito, à política, à economia, e assim por diante, cada qual tomando-a como objeto preçpuo de seus estudos. A ética e a filosofia social podem encará-la também segundo uma escala de valores, axiologicamente, tendo mais em conta o que deva ser do que propriamente o que é, num escopo reformista direto.

No que diz respeito especificamente à empresa, interessa-se a sociologia pelo que ela representa de forma social, como se realizam em seu interior os processos sociais, quais os seus efeitos sobre a vida do ambiente maior que a engloba e vice-versa (concentração de populações, migrações, relações domésticas etc.), suas relações com os fenômenos da divisão do trabalho social, da industrialização, e assim por diante. Partindo deste ponto, podemos dizer, desde já, que a empresa é um exemplo típico de grupo social organizado.

2. O estudo sociológico da empresa é recente, do segundo quarto do século atual. Em livro datado de 1933, refere-se Leopold von Wiese, esperançoso, aos estudos que se iniciavam na Alemanha sobre a *Betriebssoziologie* (sociologia da empresa), através do *Institut für Betriebssoziologie und soziale Betriebslehre* da Universidade de Berlim com a colaboração de von Briefs Ad. Geck, Walter Jost e poucos mais. Pois bem, pertence ao primeiro dêles o verbete *Betriebssoziologie* para uma enciclopédia de 1931, ano em que pela primeira vez surgiu autonomamente num vocabulário de sociologia. De maneira genérica, conceitua empresa como uma unidade do sistema de meios ou expedientes para a satisfação das necessidades humanas. Tais sejam as formas culturais com que se revista a provisão dessas necessidades, assim serão também as formas da empresa. Embora se refira von Briefs à empresa de uma só pessoa (*Alleinbetrieb*), como produtor isolado, quando um só indivíduo opera, não chega aqui a realizar-se ainda o conceito típico da sociologia.

«A sociologia da empresa, escreve, tem, no entanto, a ver com a empresa como forma institucional, na qual uma pluralidade de homens coopera, com o auxílio de um sistema de meios organizados para a satisfação das necessidades ordinárias». Dá-se então a organização dos homens, que são os portadores das prestações na empresa (*Mensch als Träger von Leistungen in Betrieb*), em torno do indispensável aparato técnico (instrumentos, ferramentas, máquinas, e assim por diante). Constitui a empresa, pois, uma forma especial de unidade social, com um meio interno próprio, relativamente autônomo, mantendo relações com o mundo da comunidade que a cerca. E o que diferencia a empresa das demais unidades é o seu fim: o da satisfação das necessidades humanas. Para tal, hierarquia e disciplina participam de modo direto da própria essência da empresa, em sentido sociológico.

Ainda recentemente escrevia Ad. Geck, um dos fundadores desta sociologia especial: «Si, de l'idée d'entreprise, on abstrait la volonté initiale de l'entrepreneur, il reste la notion d'une activité complexe et organisée, se déroulant dans des locaux spécialement équipés, où des hommes concourent par leur travail à la réalisation d'un objectif générale économique. Telle sera dans cet ouvrage notre définition de l'entreprise».

Assim, o que interessa fixar é esse conceito de empresa como uma forma unitária de organização humana, na qual se distinguem diversos tipos de realização concreta, desde o tipo cooperativo (*Genossenschaft*) até o tipo subordinativo (*Herrschaft*). A empresa capitalista da qual nos ocupamos, no momento, pertence a este último tipo, mas em todas elas há sempre uma finalidade a realizar, através de uma disciplina estatutária, impondo uma certa hierarquia administrativa e funcional entre seus membros.

A empresa capitalista é um exemplo típico do processo social de subordinação, no qual há sempre uma relação de senhoria entre o que manda e o que obedece. Representa a empresa um exemplo de grupo social funcional ou de interesses, voluntário, no qual os indivíduos estão unidos, não por pertencerem ao mesmo grupo doméstico, de parentesco ou sanguíneo, e sim, simplesmente, porque exercem a mesma função na sociedade, possuem os mesmos interesses na profissão (encarada do ponto-de-vista amplo: empregados e empregadores, seus componentes) ou porque desempenham a mesma atividade. Numa grande e complexa empresa capitalista de nossos dias, as pessoas se sentem como engrenagens de uma coisa anônima e dispersa, com manifestações às vezes em distantes nações do mundo.

3. Com um certo atraso em relação à ciência sociológica alemã, constituiu-se nos Estados Unidos um novo ramo especializado da sociologia, a que deram o nome de «sociologia industrial», voltada principalmente para o estudo das relações humanas na empresa, quer entre empregadores e empregados, entre estes últimos, como entre eles e os clientes. Trata-se mais de um ensaio de psicologia social, tendo como objeto a conduta individual e coletiva das pessoas pertencentes à empresa, em suas ações e reações de aproximação e aversão umas para com as outras. É uma resposta sociológica ao *scientific management* de Taylor e seus adeptos, em que o trabalho humano era considerado unicamente sob o prisma da racionalização, físico e fisiológico, considerando quase que exclusivamente móveis mecânicos para o comportamento humano. Capítulo importante da sociologia industrial é o método sociométrico, criado pelo psiquiatra Moreno, há cerca de duas décadas.

Serve a empresa de campo de pesquisa para esta nova sociologia especial. O seu objetivo vem assim resumido por Delbert Miller e William Form, no primeiro livro de texto que se escreveu sobre o assunto: «Entre outras coisas a sociologia estuda a conduta grupal, o status social e os papéis que os indivíduos desempenham nos grupos. A sociologia industrial aplica meramente os métodos e os conceitos da sociologia geral ao campo das relações de trabalho. O campo da sociologia industrial pode ser con-

(Conclue na 5ª pág.)

## DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E A ESTRUTURA DA EMPRESA

(Conclusão da 4ª)

venientemente definido como o estudo de: 1) trabalho em grupo e relações de trabalho; 2) o papel que o trabalhador desempenha no trabalho em grupo; e 3) a organização social do trabalho na empresa».

4. Se do ponto-de-vista sociológico, a empresa do tipo capitalista pode ser sempre definido como uma organização hierarquizada, como a cooperação de uma pluralidade de homens trabalhando sob o controle e direção dos seus titulares ou proprietários, numa relação de senhoria ou mando (*Herrschaftsverband* ou *Herrschaftsbereich*), na economia cabe destacar outras notas mais concretas de produção, de troca e de lucro. Para nós, são indispensáveis os seguintes requisitos para o conceito econômico da empresa moderna, do grande empreendimento do mundo capitalista: a) existência de uma sociedade suficientemente desenvolvida, sob o regime de troca de serviços através da moeda; b) existência de um mercado amplo, anônimo, permanente, que dê consumo aos bens que lhe são proporcionados, pouco importando que seja sob encomenda direta do cliente ou colocado o produto no mercado; c) a coordenação pelo agente da produção dos fatores indispensáveis (natureza, trabalho e capital); d) é irrelevante que o agente seja, ele próprio, o detentor e fornecedor de capitais, ou tenha que se valer de fornecedores estranhos ao seu negócio. e) necessidade de nítida separação entre função diretiva e executiva, valendo-se o organizador do trabalho alheio; g) espírito de lucro, avaliável em dinheiro; g) assunção do risco pelo empresário.

Com o primeiro elemento (a), queremos distinguir a empresa dos tipos de produção autárquica (indústria doméstica, domínios rurais etc.) em que se produz para o consumo próprio e imediato, e não para o mercado em geral. Trata-se, sem dúvida, de uma unidade de produção econômica, mas ainda não de empresa. A função econômica da empresa em qualquer tipo de sociedade, é, como destaca Marshall, destinada a prover às necessidades alheias, tendo em vista, é claro, o pagamento direto ou indireto feito por esses que se beneficiam pelos serviços. Realiza-se, plenamente, a sua função, como consequência da divisão do trabalho social, numa troca de serviços através da qual se cimenta e se efetiva a solidariedade social ou interdependência por dissemelhança, o que não existe nos tipos econômicos de produção fechada.

O que importa sempre (b) é que o organismo produtivo trabalhe para uma clientela, para o mercado. A função econômica da empresa consiste em adaptar a produção dos bens e dos serviços às necessidades dos consumidores (Reboud). Historicamente, em toda parte, surgiu a empresa — e disso se incumbiu de bem demonstrar Schmoller — mais como uma solicitação do comércio, do que propriamente da indústria. Sem mercado, amplo mercado, é impossível a existência da empresa.

As dissocição *empresário-capitalista* (d) não é uma condição indispensável, *sine qua non*, excludente do próprio conceito de empresa. É um caso, talvez o mais numeroso, complexo e dominante, mas não é o único. Para o conceito econômico de empresa é irrelevante tal diferenciação, embora não se deva confundir, como o faziam os autores anteriores a Say, empresário e capitalista.

Achamos indispensável este ponto (e), abandonado por mais de um tratadista. Aqui, no domínio estrito da economia, não hesitamos em considerar a empresa como uma instituição, à maneira de Perroux, isto é como um conjunto estável e organizado de elementos e de relações, formado tendo em vista realizar a obra da produção... Implica separação dos fatores da produção: capital e trabalho. Tem por base a propriedade e o contrato».

O espírito de lucro (f), eis outro elemento característico da empresa moderna. Não é indispensável, no entanto, que o lucro seja efetivo e compensador; o que importa é o objetivo da organização empresária, tendo em vista realizar este lucro. O seu objetivo é o ganho pecuniário, o método é essencialmente compra e venda.

Finalmente, a assunção do risco (g) pelo empresário. A ciência econômica nada mais fez do que sistematizar e aprofundar o próprio espírito popular e o significado etimológico da palavra. Quem empreende alguma coisa, sob a sua autoridade, seja uma aventura militar ou uma caçada, corre os riscos do empreendimento. Se bons forem os resultados, os lucros lhe pertencerão; se maus, os prejuízos. Por isso mesmo é que cabe ao empresário o poder de direção e de combinação dos fatores da produção. A dose ótima, o tempo lhe competem, e como correlato o risco também.

Podemos concluir, pois, que empresa é um organismo que combina os fatores da produção (natureza, capital e trabalho), com o objetivo de lucro, através da venda no mercado assumindo, por isso mesmo, os riscos da operação».